

7 a 15 de dezembro  
25 de Kislev - 3 de Tevet



# חנוכה

## CHANUCÁ

Por: Rabina Dra. Kelita Cohen

**Uma luz em dias sombrios**  
*Por que acendemos velas em Chanucá?*

*A resposta dada por Rava<sup>1</sup> a esta pergunta é: “mishum pirsumei nisa<sup>2</sup>” – “para dar publicidade ao milagre”. Por isto a tradição é colocar a chanukiá acesa na janela, para que seja vista por quem passa na rua.*

*Em tempos sombrios, pode ser que nos deparemos com o dilema entre publicizar a nossa judeicidade ou mantê-la em privado. Os criptojudeus são um exemplo de quem, por um contexto ameaçador, mantiveram suas práticas judaicas em segredo. Da Inquisição ibérica à Alemanha nazista, certamente muitas chanukiot tiveram suas luzes distante das janelas.*



*Como lidar com a manutenção das nossas tradições em um entorno hostil, como o que temos vivenciado? De forma tão abrupta e inesperada, nos deparemos com o antissemitismo às portas das nossas casas, e começamos a escutar que talvez seja melhor que nossos filhos não saiam às ruas com a camiseta de uniforme da escola judaica, ou talvez seja melhor não usar kipá em ambientes públicos não judaicos, ou evitar adereços judaicos ou alusivos a Israel, para evitar ataques.*

*O próprio Talmud que anuncia a publicidade do milagre, também traz de uma tradição oral a seguinte ressalva: “Em um momento de perigo, ela [a chanukiá] pode ser colocada sobre a mesa e isso é suficiente para cumprir a mitsvá”<sup>3</sup>.*

---

1. Rabino talmúdico da Babilônia, no período da Guemará

2. Talmud, Shabat 23b

3. Talmud, Shabat 21b:8, uma baraita.



*Mas acender as luzes de Chanucá na janela também pode ser um ato de resistência. Como Festival das Luzes, nós o celebramos de forma mais autêntica quando acendemos uma luz em tempos sombrios.*

*Apesar de se tratar de uma festividade rabínica, os sábios indicam a primeira referência a Chanucá logo no começo da Torá. Em um midrash sobre o segundo versículo de Bereshit, é dito: “E a escuridão cobriu a superfície do abismo’: Escuridão —faz alusão ao exílio grego, que os gregos escureceram os olhos de Israel com seus decretos<sup>4</sup>”.*

*Além do milagre e das luzes, Chanucá é o festival da resistência por excelência. O povo de Israel já havia enfrentado grandes crises e graves ameaças contra suas vidas (como na Pérsia, recordada em Purim), contra sua existência como povo (no Egito, durante o tempo de escravidão), contra sua permanência na terra de Israel (como no exílio babilônico), mas nunca um desafio tão direto às suas práticas religiosas. O ataque de Antíoco IV foi dirigido ao judaísmo. Ninguém antes dele havia se esforçado tanto para erradicar a observância judaica e o monoteísmo.*

*Com suas particularidades, eventos recentes podem ecoar traumas passados. A lista de episódios a seguir é extraída da história dos hashmonaim, por volta do ano 167 aEC, quer nos livros dos Macabeus, quer no livro de Judite. Mas, como veremos, poderiam muito bem ser a descrição da história recente, no passado 7 de outubro:*

- **Invasão da terra de Israel com violência:** A história de Chanucá se torna, através desse paralelo, o trauma da invasão do recinto sagrado, o Beit Hamikdash, a Casa que é nossa pátria.
- **Sequestro e assassinato de mulheres e crianças:** conta-se no livro de Macabeus<sup>5</sup> a história de Hannah, uma mãe que foi apreendida por Antíoco Epífanes com seus 7 filhos. Cada um deles assassinados com requinte de crueldade semelhante aos que inundaram os jornais de Israel há 2 meses.
- **Assassinato de idosos:** o livro de Macabeus<sup>6</sup> descreve o assassinato de Eleazar, um escriba idoso.
- **Violações e estupro:** Na literatura rabínica, “bait” (casa) é também sinônimo de mulher. Em uma leitura feita por Judith Kates sobre a história de Judite, o vilarejo invadido é Betúlia, uma alusão à palavra hebraica “betulá”, virgem. O povo judeu é personificado como uma virgem ameaçada de penetração violenta.



---

5. II Macabeus, capítulo 7

6. II Macabeus, capítulo 6



*O rabino Shimon Sofer (1850-1944) se refere à luz de Chanucá não apenas comemorando um milagre passado, mas talvez oferecendo algo milagroso no aqui e agora: a capacidade de servir como uma ponte entre nós, judeus, e todos à nossa volta, pois pirsumei nisa diz respeito ao outro, mais do que a nós mesmos. Em um momento de tanto distanciamento das pessoas ao nosso redor, é importante lembrar que a luz de Chanucá pode servir como uma ferramenta poderosa para nos aproximar.*

*Do evento sangrento dos Macabeus contra o exército selêucida, a nossa tradição criativamente moldou um festival de luzes. Esperamos em algum momento breve que consigamos nos curar do trauma vivido em 7 de outubro, cicatrizar as feridas e, quem sabe, até desenvolver um novo ritual que tenha como destaque a música, em homenagem às vítimas do Nova Music Festival, de Re'im.*

*Mas hoje, como ato de resistência, que “a iluminação do candelabro seja um testemunho para o mundo inteiro de que a Presença Divina descansa entre Israel.”<sup>7</sup>*

---

7. Talmud, Shabat 22b:2

**RABINA DRA. KELITA COHEN**

DIRETORA EXECUTIVA DA ACADEMIA JUDAICA -  
CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA - SÃO PAULO, BRASIL

Chanucá significa  
inauguração.

Com este texto,  
Kelita Cohen inau-  
gura sua jornada  
como rabina.